

FLADEM 2011

Fundamentação Teórica para a Mostra de Musicalização:

“Compositores e Intérpretes”: a criação na aula de instrumento

Sandra Mara da Cunha e Claudia Maradei Freixedas

Breve introdução

A experiência que apresentamos para a inscrição ao **FLADEM 2011** se refere ao trabalho de iniciação ao estudo do piano e da flauta doce, da maneira como vem sendo desenvolvido pelas autoras na Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo, a EMIA, com crianças de 7 a 13 anos, em aulas individuais semanais que duram de 30 a 60 minutos.

Como marco deste trabalho, desde 2007 temos realizado as audições intituladas “Compositores e Intérpretes”, ocasião em que as crianças tem tido a oportunidade de se mostrar não apenas como intérpretes do repertório de iniciação ao seu instrumento, mas também como criadoras de suas próprias composições.

A EMIA

A EMIA, escola pública de iniciação às artes, tem como proposta de trabalho a integração das linguagens artísticas (música, dança, teatro e artes visuais) e atende crianças de 5 a 13 anos. Paralelamente a esse currículo que contempla as quatro linguagens artísticas, são oferecidas aulas optativas e oficinas para alunos e para a comunidade.

O estudo do instrumento musical também é oferecido pela escola como curso optativo, a partir de 7 anos de idade. Os instrumentos são flauta doce, flauta transversal, pífaro, percussão, bateria, violão, cavaquinho, guitarra elétrica, piano, violino e violoncelo, além de aulas coletivas de instrumentos de cordas, grupo instrumental de música brasileira, duas bandas, grupos corais e uma orquestra infante juvenil.

A escola segue um currículo específico para cada uma das áreas artísticas, de acordo com suas especificidades. Não aplica avaliações com o objetivo de aprovar ou reprovar seus alunos, sendo que estas acontecem de maneira individual e constante, onde cada criança segue seu próprio caminho de aprendizado e de desenvolvimento no decorrer do processo de aquisição de conhecimentos e de habilidades artísticas.

Importantes princípios formativos presentes na proposta de trabalho da EMIA contribuem para a abertura das crianças para a experimentação e para a criação em artes e também norteiam nosso trabalho na iniciação ao instrumento:

- Liberdade para experimentar e testar materiais e possibilidades de ação;

- Improvisar e criar situações e produções relacionadas ao fazer artístico em todas as áreas;
- Realizar mostras dos trabalhos criativos dos alunos, onde as crianças participam como realizadores e também como espectadores e ouvintes;
- Suscitar e incentivar reflexões durante o processo de criação que acontece nas aulas;
- Professores abertos para o acolhimento das experiências das crianças;
- Professores que procuram estimular e instigar a criatividade das crianças: nas ações artísticas quando surgem necessidades de orientações quanto ao emprego de técnicas, interpretações, e questões estéticas; e também em relação à busca de soluções para as questões de convivência que surgem no decorrer do trabalho.

O estudo do instrumento na EMIA

Como o objetivo maior do currículo da escola é a integração das linguagens artísticas, muitas vezes é nas aulas de instrumento que o processo de musicalização do aluno irá acontecer em um nível de maior especificidade, profundidade e domínio técnico. O estudo do instrumento, dentro deste contexto, acontece como uma opção da criança de se aprofundar no estudo da música, através do aprendizado de um instrumento musical.

No estudo de um instrumento, qualquer que seja ele, ouvir, experimentar, improvisar, compor, fazer arranjos e interpretar são caminhos possíveis e igualmente importantes para as crianças construírem seu conhecimento musical. O trabalho com a improvisação e com a composição acontece como parte de um mesmo processo onde o aluno é convidado a experimentar e a fazer suas próprias escolhas musicais enquanto aprende a tocar o seu instrumento, sentindo-se capacitado para inventar e compreender música.

“As atividades de tocar e compor podem complementar-se, e novos *insights* adquiridos em um domínio podem servir a outro. O executante que também compõe parece estar mais consciente do processo composicional, e seu entendimento pode auxiliar suas performances posteriores. Muitos educadores musicais certamente acreditam que compor, tocar e escutar são atividades que se reforçam mutuamente. (SWANWICK, 2003, p. 95)

Desde a primeira aula procuramos oportunizar o contato do aluno com o seu instrumento, permitindo que ele toque e faça música através da improvisação, sem a necessidade de conhecimentos musicais prévios. Como num jogo de caçadores de sons, as crianças podem experimentar e fazer um levantamento das suas descobertas sonoras.

A partir dessa primeira pesquisa com os sons, os alunos podem selecionar e organizar o material que acabaram de explorar, improvisando e criando sequências e/ou histórias, realizando dessa maneira suas primeiras experiências musicais. Através dos jogos de exploração sonora, alguns dos princípios técnicos do instrumento vão sendo abordados, e os alunos vão descobrindo uma grande variedade de sons que lhes

possibilitam fazer música. “E aos poucos vamos observando, experimentando, reconhecendo e aprendendo, de acordo com a vivência e experiência de afetividade no contato com o instrumento.” (CAMPOS, 2000, p. 90)

Os alunos são incentivados a compor desde o início com as possibilidades sonoras descobertas. Podem tentar depois registrar suas composições através de escritas inventadas ou com o que já sabem da escrita tradicional e assim podem ler e executar suas partituras. Ao mesmo tempo, a leitura e a escrita musical tradicional vão sendo introduzidas, em um processo de aquisição, de compreensão e de aprofundamento da linguagem escrita que acontece durante o seu percurso no estudo do instrumento.

Jogos de pergunta e resposta e jogos de imitação também fazem parte das aulas, onde são trabalhados temas com variações de ritmos, intensidades, tessituras, e climas. O trabalho de criação e improvisação é levado adiante, e os alunos elaboram arranjos, criando variações ou improvisando a partir de melodias ou peças que estejam executando, ou ainda criando uma introdução ou coda, combinando o caráter da melodia com as intervenções musicais agora criadas por eles.

Para adquirir uma maior compreensão musical da obra que estão executando os alunos são incentivados a desenvolverem um olhar cuidadoso sobre a partitura que estão lendo e reconhecer as informações musicais ali contidas. Também podem realizar pesquisas sobre o compositor e seu contexto histórico, saber curiosidades sobre a obra, além de ouvir gravações da mesma quando isso for possível.

Todo esse conhecimento poderá ser transposto para o âmbito da intenção musical, e o aluno poderá colocá-la na interpretação da música que está executando. É nossa intenção levarmos nossos alunos a experimentarem diferentes dinâmicas, andamentos e expressões, de acordo com o caráter e estilo das obras, e por fim que eles mesmos possam fazer as suas escolhas expressivas e interpretativas.

Não interromper o fluxo criativo que habita em cada criança e que é parte integrante da infância, é um objetivo que sempre buscamos e desejamos que faça parte das nossas aulas. Queremos saber o que nossos alunos pensam a respeito de música, como a concebem e o que entendem sobre ela, e isso acontece quando falam e refletem sobre esse assunto, mas, acima de tudo quando nos mostram seus improvisos, suas composições e seus arranjos de músicas de outros autores. Para a criança, isso significa a possibilidade de poder expressar-se através da música. Tornar possível o processo criativo através dos sons traz a música para o fazer cotidiano das crianças e as aproxima dessa linguagem artística. Segundo o educador alemão naturalizado brasileiro H. J. Koellreutter, importante pensador do ensino musical no Brasil:

“não é preciso ensinar nada que o aluno possa resolver sozinho. É preciso aproveitar o tempo para fazer música, improvisar, experimentar, discutir e debater. O mais importante é – sempre - o debate, e nesse sentido, os problemas que surgem no decorrer do trabalho interessam mais que as soluções.” (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p. 32)

Muito mais do que ensinar música às crianças, o que importa de fato, são as contribuições que o estudo de um instrumento, ou, ainda, num sentido muito maior, o

estudo da música pode trazer para a vida das crianças ao possibilitar situações e vivências cheias de significados e desafios que ultrapassam o meramente musical ou artístico e atingem uma dimensão mais humana.

Concluindo

Desde que iniciamos o projeto “Compositores e Intérpretes”, começamos a conversar e a refletir sobre nossas aulas, buscando modos de incentivar e guiar nossos alunos rumo a um fazer musical mais criativo. Procuramos então dialogar também com as experiências de outros músicos e professores e conhecer suas propostas de ensino musical criativo com o objetivo de encontrarmos, além de inspiração e de exemplos, fundamentos para o nosso trabalho com as crianças na iniciação ao estudo da flauta doce e do piano. “Sem esquecer de que nos cabe sempre avaliar as propostas apresentadas e as experiências realizadas, transformando-as e recriando-as, numa constante reflexão sobre sua própria prática concreta” (PENNA, 2008, p. 179).

Da exploração sonora à apropriação da escrita e da leitura, da imitação à variação, dos jogos de improvisação às composições, da apreciação musical à execução, e do conhecimento à intenção musical, acreditamos estar construindo caminhos possíveis para proporcionarmos um ensino criativo e que, de acordo com o pensamento da educadora argentina Violeta Gainza, “(...) favoreça o estabelecimento de uma relação pessoal e positiva com o instrumento e com a música” além de “contribuir para alcançar a integração do fazer com o sentir e o pensar” (GAINZA, 2002. p. 68).

Sabendo que não existe uma fórmula única a seguirmos em nossas aulas, e muito menos propostas de ensino que sirvam igualmente para todos os alunos, temos procurado ficar sempre atentas a cada criança e à singularidade de seus percursos e de seus anseios, de suas facilidades e dificuldades e de seus gostos musicais. Olhar para cada aluno e tentar respeitar o que move cada um deles na sua relação com a música têm sido o nosso desafio e um objetivo a ser alcançado. Nesse caminhar, sem respostas prontas, também estamos aprendendo, como as crianças e com as crianças.

Sem ter a pretensão de estarmos propondo algo que seja realmente novo no campo do ensino musical, acreditamos que com esse trabalho estamos contribuindo, para além da formação musical dos nossos alunos, para o seu desenvolvimento intelectual, criativo, estético e humano. Nesse sentido, para nós tem se mostrado fundamental o incentivo e o acolhimento de suas composições, e para as crianças isso pode significar a oportunidade de dividirem com outras pessoas algo que é pessoal, singular e único delas mesmas: suas músicas.

Encerrando, nos faremos valer do que escreveu a Professora Marisa Fonterrada sobre a verdadeira função e o valor do ensino musical:

(...) a educação musical não é apenas uma atividade destinada a divertir e entreter as pessoas, tampouco um conjunto de técnicas, métodos e atividades com o propósito de desenvolver habilidades e criar competências, embora seja essa uma parte importante de sua tarefa. **O mais significativo na educação musical é que ela pode ser o espaço de interseção da arte na vida do ser humano, dando-lhe**

possibilidade de atingir outras dimensões de si mesmo e de ampliar e aprofundar seus modos de relação consigo próprio, com o outro e com o mundo. Essa é a real função da arte e deveria estar na base de toda proposta de educação musical (FONTERRADA, 2008, p. 117) (grifo nosso)

Consultas e referências bibliográficas

BRITO, Teca Alencar de. *Koellreutter Educador: o humano como objetivo da educação musical*. São Paulo: Peirópolis, 2001.

_____. *Música na Educação Infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.

BRITO, Maria Teresa Alencar de. *Por uma Educação Musical do Pensamento: novas estratégias de comunicação*. 2007. 288 p. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). PUC-SP. São Paulo.

CAMPOS, Moema Craveiro. *A Educação Musical e o Novo Paradigma*. Rio De Janeiro: Enelivros, 2000.

FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De Tramas e Fios: um ensaio sobre música e educação*. 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP. Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

GAINZA, Violeta Hemsy de. *Pedagogia Musical: dos décadas de pensamiento y acción educativa*. Buenos Aires: Lumen, 2002.

PENNA, Maura. *Música(s) e seu Ensino*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SCHAFER, Murray. *O Ouvido Pensante*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

SWANWICK, Keith. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.